

**FESTIVIDADES ESCOLARES COMO ELEMENTO DE TRADIÇÃO CULTURAL, IDENTITÁRIO E EDUCATIVO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS SOBRE ATIVIDADES JUNINAS NA ESCOLA PÚBLICA****Francisco Renato Lima**

Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Graduado em Pedagogia (UNIFSA) e Letras – Português/Inglês (IESM). Professor Substituto (Auxiliar Nível – I) da Universidade Federal do Piauí, lotado no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE). Coordenador de disciplinas do Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD/UFPI).  
E-mail: fcorenatolima@hotmail.com  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1372-5444>

**RESUMO**

O propósito deste texto é apresentar o relato de uma experiência vivenciada em uma escola pública de Ensino Fundamental no município de Teresina (PI), envolvendo a apresentação de uma quadrilha junina de roda, por estudantes graduandos do curso de Licenciatura em Pedagogia. A ilustração dessas reminiscências encontra, teoricamente, base nas leituras de Bakhtin (2013), Brandão (1978), Campos (2007), DaMatta (1990), Lopes (2006), Melo (2010), Nunes (2005), Ribeiro Junior (1982), Rosa (2007), entre outros, que ajudam a tecer uma reflexão sobre a relevância das festividades escolares como elemento de tradição cultural, identitário e educativo; e também, Bourdieu (1999), Cortella (1998), Miranda (2000), entre outros, que ajudam a pensar sobre as possíveis críticas e reflexões ao movimento de mudança – ou de ressignificação – que essa prática tem tomado nos adventos da contemporaneidade. Um olhar histórico-social sobre as festas juninas no cenário nacional, e especialmente no Piauí, permite identificá-las como elemento que se articula ao universo escolar, como instituição responsável pela circulação, apropriação, manutenção e reinvenção do saber humano, conforme os modos históricos, culturais, artísticos e religiosos vigentes. Na escola acontecem aproximações didáticas com o valor literário, estético, lúdico e prazeroso das festividades. Assim, a vivência aqui relatada, favoreceu à aprendizagem e à interação entre: a) os acadêmicos em formação; b) os professores da escola, no exercício da docência; e c) os alunos, principais sujeitos da ação educativa. Foi um momento de reconstrução simbólica da memória coletiva, servindo como fio para a construção da cidadania e democracia em uma sociedade livre de preconceitos e enraizada no pensar crítico.

**Palavras chave:** Escola. Festividades. Tradições culturais. Identidade. Festas juninas.

**SCHOOLS FESTIVITIES AS ELEMENT OF CULTURAL, IDENTITY AND EDUCATIONAL TRADITION: A REPORT OF EXPERIENCES ON JUNIOR ACTIVITIES IN THE PUBLIC SCHOOL****ABSTRACT**

The purpose of this text is to present the report of an experience lived in a public elementary school in the city of Teresina (PI), involving the presentation of a junina roda wheel by undergraduate students of the Licenciatura in Pedagogy course. The illustration of these reminiscences is theoretically based on the readings of Bakhtin (2013), Brandão (1978), Campos (2007), DaMatta (1990), Lopes (2006), Melo (2010), Nunes 1982), Rosa (2007), among others, which help to reflect on the relevance of school festivities as an element of cultural, identity and educational tradition; and also Bourdieu (1999), Cortella (1998), Miranda (2000), among others, who help to think about possible criticisms and reflections on the movement of change - or resignification - that this practice has taken in the advent of contemporaneity. A historical-social view of the Juninas festivities on the national scene, and especially in Piauí, allows us to identify them as an element that articulates with the school universe, as an institution responsible for the circulation, appropriation, maintenance and reinvention

of human knowledge, according to the historical modes, cultural, artistic and religious values. In school there are didactic approaches with the literary, aesthetic, playful and enjoyable value of the festivities. Thus, the experience here reported favored learning and interaction between: a) the students in formation; b) the teachers of the school, in the exercise of teaching; and c) students, the main subjects of the educational action. It was a moment of symbolic reconstruction of collective memory, serving as a thread for the construction of citizenship and democracy in a society free of prejudice and rooted in critical thinking.

**Keywords:** School. Festivities. Cultural traditions. Identity. June parties.

## **FESTIVIDADES ESCOLARES COMO ELEMENTO DE TRADIÇÃO CULTURAL, IDENTIFICADOR Y EDUCATIVO: UN RELATO DE EXPERIENCIAS SOBRE ACTIVIDADES JUNINAS EN LA ESCUELA PÚBLICA**

### **RESUMEN**

El propósito de este texto es presentar el relato de una experiencia vivida en una escuela pública de Enseñanza Fundamental en el municipio de Teresina (PI), involucrando la presentación de una cuadrilla junina de rueda, por estudiantes graduandos del curso de Licenciatura en Pedagogía. La ilustración de estas reminiscencias encuentra, teóricamente, base en las lecturas Bakhtin (2013), Brandão (1978), Campos (2007), DaMatta (1990), Lopes (2006), Melo (2010), Nunes (2005), Ribeiro Junior (1982), Rosa (2007), entre otros, que ayudan a tejer una reflexión sobre la relevancia de las festividades escolares como elemento de tradición cultural, identitario y educativo; y también, Bourdieu (1999), Cortella (1998), Miranda (2000), entre otros, que ayudan a pensar sobre las posibles críticas y reflexiones al movimiento de cambio - o de resignificación - que esa práctica ha tomado en los advenimientos de la contemporaneidad. Una mirada histórico-social sobre las fiestas juninas en el escenario nacional, y especialmente en Piauí, permite identificarlas como elemento que se articula al universo escolar, como institución responsable de la circulación, apropiación, mantenimiento y reinención del saber humano, según los modos históricos, culturales, artísticos y religiosos vigentes. En la escuela se realizan acercamientos didácticos con el valor literario, estético, lúdico y placentero de las festividades. Así, la vivencia aquí relatada, favoreció el aprendizaje y la interacción entre: a) los académicos en formación; b) los profesores de la escuela, en el ejercicio de la docencia; y c) los alumnos, principales sujetos de la acción educativa. Fue un momento de reconstrucción simbólica de la memoria colectiva, sirviendo como hilo para la construcción de la ciudadanía y democracia en una sociedad libre de prejuicios y arraigada en el pensamiento crítico.

**Palabras clave:** Escuela. Festividades. Tradiciones culturales. Identidad. Fiestas juninas.

### **APRESENTAÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

As visualidades das festas e celebrações são o eixo que permite colocar em relevância distintas formas através das quais a cultura escolar transita entre cotidiano e momentos festivos e, também, expor relações entre os indivíduos dessa comunidade e as 'imagens' que criam sobre ensino, aprendizagem, educação e instituição. A escola, produtora e receptora de visualidades, encontra na realização de festas e celebrações um meio para estabelecer e ampliar diálogos com a comunidade. (NUNES, 2005, p. 08)

Este relato de experiência constituiu-se como um prolongamento das reflexões tecidas em uma sala de aula de um curso de formação de professores, acerca das representações culturais do mês de junho, as tradicionais festas juninas, e, a partir dessas discussões, buscou-se ir a campo, intencionando consolidar as práticas educativas, no tocante ao fortalecimento das noções de tradição cultural e identitária no espaço educativo, com destaque especial, para a apresentação de uma tradicional Quadrilha de Roda em uma escola da rede pública de ensino de Teresina (PI).

A experiência foi vivenciada pela turma 18M4A, do 4º período do curso de Pedagogia, semestre 2011.1, da Faculdade Santo Agostinho – FSA<sup>1</sup>, na culminância das atividades da disciplina: “Estudos Teórico-metodológicos da Educação Física e Ludicidade”<sup>2</sup>. Na ocasião, a proposta foi que se apresentassem diferentes formas de celebrar as festas juninas, através de dança de quadrilha, casamento caipira, jogos, dinâmicas, comidas típicas, entre outras.

Na etapa de planejamento de realização das atividades, a docente da disciplina e os acadêmicos se reuniram para pensar nos objetivos do evento e nas estratégias adotadas para envolver a comunidade escolar nas atividades desenvolvidas. Uma lista de atividades foi elaborada - organização do espaço físico da escola para a festa, montagem dos cenários e distribuição de tarefas. Todos se empenharam na coordenação e realização das funções para o êxito da atividade.

A saber, a atividade guiou-se pelo seguinte objetivo geral: resgatar as tradições histórico-culturais das festividades juninas, relacionando-as com a realidade individual e coletiva de cada participante. E específicos: incentivar o desenvolvimento de manifestações socioeducativas e culturais no âmbito escolar; promover a integração da comunidade escolar; pesquisar as manifestações da cultura nordestina; consolidar os conhecimentos escolares; trabalhar com a linguagem corporal (movimento, ritmo, coordenação motora etc.); e oferecer momentos de lazer a comunidade escolar.

As experiências com festas juninas nas escolas funcionam como um bom momento para oferecer novas aprendizagens aos alunos e trazer a comunidade para os espaços educativos. No caso dessa experiência, o espaço educativo que funcionou como palco para a manifestação de aprendizagens mútuas – tanto dos alunos graduandos em Pedagogia, como da equipe docente e discente da escola – foi a Unidade Escolar Teresinha Nunes, situada na Rua David Caldas, 1551, Bairro Vermelha; CEP: 64 018 520, zona Sul, Teresina-PI.

Um painel ilustrativo da instituição, revela informações relevantes da época: atendia um público diversificado: 353 alunos, nos turnos manhã e tarde, do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental (de acordo com o Ensino Fundamental, de nove anos de duração, com a inclusão

das crianças de seis anos de idade, instituído pela Lei 11.274/06); e a modalidade de educação e ensino, Educação de Jovens e adultos (EJA).

Na estrutura física, o prédio possuía 10 salas de aula, 01 diretoria, 01, secretaria, 01 sala de professores, 01 cantina, 06 banheiros, 01 quadra de esportes, 01 laboratório de informática, 01 refeitório, 01 auditório, 01 biblioteca, 01 brinquedoteca, 01 pátio grande, enfim, no que referia-se às condições físicas, a escola encontrava-se adequada para o desempenho das atividades, atendendo às condições do público atendido. Na composição do quadro de pessoal administrativo, pedagógico, apoio e gestão, contava com uma equipe de 25 professores (nos dois turnos), 01 diretora (graduada em Pedagogia), 01 coordenadora pedagógica (também graduada em Pedagogia), 01 secretário e 06 serviços gerais.

Quanto aos principais projetos educativos desenvolvidos na instituição, à época destacavam-se projetos de reforço ao ensino regular, como o “Mais Educação”, o “Escola Aberta”, o “Se liga” e o “Acelera”, que, além de promoverem o reforço e a promoção da qualidade do ensino, buscavam estreitar os laços entre a escola e a comunidade, fazendo da escola também, um espaço alternativo de lazer, da promoção da paz, da educação, da cultura, do esporte, e, principalmente, de formação holística de cidadãos cômicos de seus papéis sociais.

Situado esse cenário, justifica-se que, o propósito de hoje, 2018, mesmo sete anos após a experiência, ainda mantê-la viva, por meio deste relato de experiência, é, por reconhecer que esse formato acadêmico de divulgação do conhecimento científico, possibilita uma forma de apresentar situações vivenciais que colaboraram – e continuam colaborando – para o desenvolvimento de processos de ensino e aprendizagem, tendo a pesquisa, como elo que permeia as situações pensadas, vividas e regidas nos ambientes educativos. E ainda, ter ciência de que, as festividades juninas necessitam manter-se viva, cada dia mais<sup>3</sup>, no calendário das festas escolares, como fortes representações da cultura nordestina e precisa, portanto, está vivo nas “casas de ensino”<sup>4</sup>.

Quanto a este trabalho – relato de experiência – cabe salientar que, metodologicamente, é fruto, na verdade, de uma experiência de campo, portanto, reconhece-se a pesquisa de campo, praticada pelos métodos de observação e participação ativa no contexto pesquisado – daí similaridades também, com os procedimentos da pesquisa-ação –, aliado a uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e sócio história, no modo como enxerga os sujeitos e os cenários de produção do conhecimento científico.

Em virtude da predominância dessa abordagem, cabe então, ir às palavras de um dos seus maiores expoentes da pesquisa-ação no Brasil, Michel Thiollent (2005, p. 14), quando define-a:

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Os procedimentos técnicos dessa proposta consistem em uma alternativa metodológica que permite ao pesquisador se inserir no campo de coleta de dados. Uma inserção, que tem caráter não apenas observacional, mas ativo, participativo, crítico e reflexivo, como gerador e gerenciador de discussões e ações com o grupo social e o contexto pesquisado, com vistas a efetivar uma mudança entre os sujeitos sociais envolvidos (pesquisador e pesquisados).

Guiados por este fim, a temática que sobressai-se como de grande relevância é sobre as festividades escolares, consideradas como experiências ricas em aprendizagem para toda a equipe escolar, especialmente para os alunos, para quem, as atividades tornam-se inesquecíveis e únicas, pelo ritual de organização e execução da tarefa. Essas ações são marcadas pela dinâmica da interação, do reconhecimento e da potencialidade de talentos e, sobretudo, pela aliança que se constrói entre os eixos teoria e prática, especialmente na disciplina de Educação Física (conforme desenvolveu-se na experiência que gerou este estudo), a qual, pressupõe dos sujeitos – professores e alunos – a dialética do movimento físico e cognitivo em suas ações. Sobre essa questão, busca-se na orientação teórico-legal e metodológica do Ministério da Educação (Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998)) e na teorização de alguns autores (SOARES, 1994, por exemplo), respectivamente, um discernimento:

A Educação Física escolar deve dar oportunidades a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos. [...] É tarefa da Educação Física escolar, portanto, garantir o acesso dos alunos às práticas da cultura corporal, contribuir para a construção de um estilo pessoal de praticá-las, e oferecer instrumentos para que sejam capazes de apreciá-las criticamente. (BRASIL, 1998, p. 29-30)

A Educação Física, quer seja aquela desenvolvida no âmbito escolar, quer seja fora dele, acentua as representações que a sociedade tem dos indivíduos, seja do seu corpo – entendido como corpo biológico, a-histórico; seja de sua moral – entendida como amor ao trabalho, à ordem, à disciplina; seja do seu

espaço na sociedade – entendido como resultado do esforço individual, da tenacidade, da vontade. (SOARES, 1994, p. 158)

Corroborando com essas justificativas, Ribeiro Júnior (1982, p. 43) dirá que, em cenários educativos, “a festa será uma ação pedagógica tanto mais tradicional quanto mais conseguir manifestar, recuperar, sintetizar um capital cultural que faz parte do repertório de experiências do povo”. Esse capital representa, portanto, um espaço de manutenção da tradições culturais de um povo, mantendo viva sua identidade, que se fortalece por meio da educação escolar. De tal modo, convém ainda, chamar o autor a essa discussão, quando diz:

A festa é uma forma ritual, tradicional, de inculcação dos princípios pedagógicos elaborados pela cultura do povo e que formam um ‘habitus-de-ser-povo’. Este é reforçado através de uma pedagogia implícita que mais vive do que tematiza seus princípios. A festa é uma verdadeira ação pedagógica, que integra sanções, autoridade e um modo específico de inculcação. (RIBEIRO JUNIOR, 1982, p. 43)

Assim, tomados pelo fôlego de quem viveu a experiência – o autor deste texto, que embora em terceira pessoa do discurso, coloca-se como narrador-personagem<sup>5</sup> – aliado a elucidação teórica trazida por Ribeiro Júnior (1982), apresenta-se a estrutura deste estudo, a saber: primeiro, apresenta-se uma fundamentação teórica sobre o tema festividades na escola, partindo dos elementos que compõem a tradição cultural e identitária dessa prática nos espaços educativos; em seguida, traz as “experiências em si: achados, vividos e apreendidos”, quando relata passo a passo, a experiência; e por fim, as Considerações (in) conclusivas, arrematando olhares e ressaltando o caráter formativo da experiência vivenciada coletivamente<sup>6</sup>.

### **FESTIVIDADES NA ESCOLA: ALGUMAS APROXIMAÇÕES TEÓRICAS ENTRE OS ELEMENTOS DE TRADIÇÃO CULTURAL E IDENTITÁRIOS NOS ESPAÇOS EDUCATIVOS**

Partindo de Ribeiro Júnior (1982) anteriormente citado, na apresentação deste estudo, o caráter pedagógico das festas populares evidencia-se de duas maneiras, segundo Cândido (2007, p. 38), que entrelaça sua voz a de Ribeiro Júnior (1982) e assim, apresenta a questão:

[...] 1. Pode ser uma festa-para-o-povo, em que este comparece como multidão, sendo-lhe reservado um papel passivo; “Nessas ocasiões sua cultura é pasteurizada, são pinçados apenas elementos exóticos” (RIBEIRO JÚNIOR, 1982, p. 43). 2. Pode ser uma festa-do-povo, na qual o povo é dono de sua festa e nela expressa livremente trabalhando sua condição de oprimido e vislumbrando “possibilidades de uma vida que ainda não existe”

(RIBEIRO JÚNIOR, 1982, p.43). Nas festas ocorridas nas instituições escolares percebe-se que a festa é para a população, já que ela participa passivamente como observadora do ritual e da população, a partir do momento que ela apreende ativamente os sentidos e significados atribuídos a cada ocasião festiva.

No contexto escolar, as festividades conferem um lugar de participação social para o aluno. Elas possibilitam que sejam vivenciados momentos de ressignificação da experiência educativa. Como geralmente, estão ligadas a datas ou períodos históricos consolidados na cultura nacional, funcionam como um momento de transposição e/ou aproximação com os conteúdos estudados nos manuais didáticos. Destacam-se assim, com mais recorrência, dois tipos de festividades comemoradas na cultura escolar: as relacionadas a valorização da pátria e dos heróis nacionais, como o Dia da Bandeira, o Dia do Índio, o Dia da Independência do Brasil, o Dia da Proclamação da República, entre outras, consideradas algumas, até como feriados nacionais, onde nestas ocasiões, são revividas situações específicas de um determinado período da história de legitimação social de um povo; e, as festividades mais relacionadas a cultura regional popular e religiosa, como, o Dia das Mães, o Dia dos Pais, o Dia das Crianças, as Festas Juninas e os Dias Santos, quando se comemora na escola, algum aspecto religioso de determinado santo da Igreja Católica, e, nessas ocasiões, além de manter a tradição e a cultura, constitui também, uma oportunidade de abertura para a comunidade escolar, aproximando, por exemplo, os pais das ações educativas que ocorrem na instituição. Esse último aspecto, é visualizado em Lopes (2006, p. 4366), quando traça o desenho da escola em festa:

A presença das escolas na cidade faz-se não apenas pelo murmúrio e caminhar de estudantes em direção da escola e depois de volta para casa, mas, também, no momento em que a escola se abre para a cidade, ocupando seus espaços ou sendo ocupada pela população. Isso ocorre, especialmente quando a escola, suspendendo a rotina, abre-se para a festa. As festas são de diferentes tipos e motivações, nelas ocorrendo a recolocação da escola na cidade, alterando a dinâmica da escola e da cidade, recriando sociabilidades.

Ante essas múltiplas possibilidades de engajamento coletivo, que se reveste no melhor desenvolvimento de práticas de ensino e aprendizagem, as festividades vão dando conta, de manter viva e lúcida, de geração em geração, os rituais, as crenças, os costumes, as lembranças, as memórias e as individualidades de um povo, que têm na escola, um espaço de construção simbólica das experiências que elucidam o saber histórico, religioso, sociológico,

antropológico, filosófico e artístico que compõem o painel diverso, que é a tradição cultural no Brasil, marcada pela polissemia nos jeitos como se reverbera socialmente.

Dessa maneira, as festividades escolares vão se constituindo como elementos simbólicos, fincados na cultura escolar e que ajudam a manter determinadas tradições culturais, função fundamental de ser mantida e valorizada, tendo em vista o atual contexto pós-moderno, de tantas influências e confluências de manifestações populares, que convergem para a (re) redefinição da identidade de um povo. E, diante desse cenário, a escola, como instituição educativa, não pode furtar-se à missão de desenvolver ações e iniciativas que legitimem as experiências do passado, em diálogo com os adventos do presente e as incertezas do porvir, tendo em vista que, é desse campo misterioso e movediço, que são construídas as identidades do sujeito escolar (aluno) de hoje. As palavras de Miranda (2000, p. 82), sobre identidade e confluências simbólicas no cenário global, confirmam essa reflexão:

As identidades nacionais não são nem genéticas nem hereditárias, ao contrário, são formadas e transformadas no interior de uma representação. Uma nação é, nesse processo formador de uma identidade, uma comunidade simbólica em um sistema de representação cultural. E a cultura nacional é um *discurso*, ou modo de construir sentidos que influenciam e organizam tanto as ações quanto às concepções que temos de nós mesmos. Não é ocioso lembrar que tais identidades, no caso do Brasil, estão embutidas em nossa língua e em nossos sistemas culturais, mas estão longe de uma homogeneidade – que já não perseguimos –; ao contrário, estão influenciadas (as identidades) pelas nossas diferenças étnicas, pelas desigualdades sociais e regionais, pelos desenvolvimentos históricos diferenciados, naquilo que denominamos ‘unidade na diversidade’. Como todas as nações, mas bem mais do que a maioria delas, somos híbridos culturais e vemos esse processo como um fator de potencialização de nossas faculdades criativas.

Pela via das representações das experiências humanas, como evidencia o autor, a identidade social hoje, reflete a manutenção de experiências de gerações anteriores, mas, mais do que isso, elas situam-se no campo da imaterialidade simbólica, pelo modo como os sujeitos constroem sentidos com e sobre a experiência humana, que está presente na sua língua, na sua cor, no seu modo de vestir, de caminhar e, sobretudo, de pensar. Essa atividade, o pensar, com senso crítico e reflexivo, constitui experiência determinante para a independência política, cultural e ideológica do sujeito, na busca pela emancipação individual e coletiva.

Atenta a essas transformações, a escola, por meio de ações diversas, como a valorização do ritual das festividades, deve construir avizinhamentos entre a cultura tradicional, fonte de sabedoria e de aprendizado e as efemeridades constitutivas da identidade



social hoje, tão híbrida e movediça. Com essa postura, a instituição, trabalha com uma “dupla abertura do presente da festa para o passado e para o futuro” (OZOUF, 1976, p. 226), intercambiando assim, tempos e experiências de aprendizagem nas práticas escolares.

A memória coletiva de estudantes, pesquisadores, bem como, da comunidade em geral, tem testemunhado esse empenho ao longo dos anos, fato que, no Piauí, pode ser constatado por estudo de Melo (2010), sobre festividades cívicas na escola e os sentidos assumidos por essas festas na construção de uma tradição cultural. A autora, com base em fontes historiográficas das décadas de 30 e 40 do século XX, explorou o sentido de festejar as particularidades do “Dia da Árvore, o Dia do Pan-Americano, o Dia da Bandeira, o Dia da Raça, a Semana da Pátria e o 7 de Setembro, da Proclamação da República” (MELO, 2010, p. 229), entre outras. Segundo Melo (2010, p. 228), por meio das

[...] festas caracterizadas aqui como diretamente relacionadas com a escola, compreende-se que a construção da memória cívica se faz quando se entende como acontece as invenções no Piauí, procurando situar esta análise não em uma gênese das festas, mas no sentido de compreendê-las como um ritual de repetição que cria mentalidade, cria tradição, uma tradição cívica, imbricada no ensino da história pátria, inculcada pelos mais diferentes conteúdos didáticos das diversas disciplinas escolares, criando uma nova cultura escolar.

Nesse eixo de representações em terras piauienses, ressaltando o caráter educativo das festividades, Lopes (2006, p. 4366) também destaca que:

No Piauí, foi, especialmente com o advento das escolas reunidas e dos grupos escolares, que a rotina de festas escolares se expandiu e se consolidou. Em que pese as multiplicidades de usos, intencionalidades e sentidos existentes nas festas, estas eram utilizadas pelas escolas reunidas e grupos escolares, especialmente, para tornar mais visível sua ação pedagógica no contexto escolar, demarcando sua posição de importante inovação no aparato escolar existente. Reunião e movimentação de um número significativo de alunos, as festas escolares demarcavam mobilidade e *status* das escolas na cidade.

As festas aparecem assim, tanto no cenário nacional, como no Piauí, como elemento que pertence ao universo escolar. Nessa esfera de apropriação, circulação, manutenção e reinvenção do saber humano sobre os modos culturais existentes em cada período da civilização, as festividades promovem aproximações didáticas com o valor literário, estético, lúdico e prazeroso vivenciado em cada festa. Nelas, os alunos, além de aprender, se divertem, resgatam saberes e sabores de experiências que, enraizadas na cultura popular, servem como

fonte de reflexão sobre o passado, constatações sobre o presente e projeções para o futuro, entregue ao plano das incertezas que ele encerra.

### **O CASO DAS FESTAS JUNINAS, ESPECIALMENTE**

O tema festas juninas proporciona um campo fértil de análise do significado desse período tão importante na cultura brasileira: sua origem, sua transformação na história europeia e suas redefinições no contexto brasileiro, desde os tempos coloniais até a atualidade. (RANGEL, 2008, p. 11)

Ao lado das festas cívicas, mencionadas anteriormente por Melo (2010), pode-se ampliar o campo de olhar sobre a questão, situar as festas juninas, também como elemento cultural de forte significado pessoal e coletivo na estrutura curricular das escolas piauienses, corroborando para a construção de uma memória social. Isso tudo,

Caracterizando as festas como instrutivas de caráter moralizador, festa como lazer e divertimento, compreendendo que nas comemorações e também nos seus preparativos se aprende muito, pois são experiências ricas onde partilhar e dividir são aprendidos na prática, em que se aprende a convivência em grupo e a respeitar o direito do outro, o espaço do outro, onde se evidenciam as sociabilidades. (MELO, 2010, p. 238)

Um fato importante de ser destacado sobre o trabalho de Melo (2010) é que, nos registros pesquisados, as festividades juninas não aparecerem entre os “espetáculos de civilidade”, o que pode ser atribuído, ao fato de elas estarem mais ligadas a cultura popular, regional e religiosa, diferente daquelas elencadas pela autora, que assumem um significado simbólico, bastante representativo na construção de uma “memória cívica” nacional, que fazem parte de um projeto de “nacionalização da sociedade”, encabeçado por Getúlio Vargas, com o propósito de que “o homem brasileiro assumisse o sentimento de brasilidade e de pertencimento ao Brasil” (MELO, 2010, p. 37). Uma ação, como se vê, sustentada em uma visão política e ideológica do governo ditatorial, para fazer “reproduzir” um discurso unificador da “cultura nacional”. Daí, então, justifica não se ter o registro das festas juninas, como construtoras da memória cívica da nação.

Em face disso, e buscando dar um passo à frente sobre esse entendimento, entende-se, neste estudo que, as festas juninas têm um caráter simbólico, artístico e cultural, importante de ser preservado no contexto escolar, como legítima representação do folclore, “encarado como realidade cultural, psico-cultural ou sócio-cultural, constitui objeto de investigação científica” (FERNANDES, 1989, p. 24), considerando “toda maneira de sentir, pensar e agir,

que constitui uma expressão peculiar de vida de qualquer coletividade humana, integrada numa sociedade civilizada” (p. 25). É bastante significativa a influência que exercem no processo de construção da memória coletiva dos alunos e do próprio espaço escolar como um todo, que passa a ser palco de representações de experiências únicas para os sujeitos envolvidos, os professores e, sobretudo, os alunos.

As raízes que sustentam sua realização estão fincadas na cultura popular religiosa, em especial, os três santos da Igreja Católica, que têm suas festividades no mês de junho – daí a origem do termo ‘festas juninas’ – Santo Antônio, comemorado dia 13; São João Batista, dia 24; e São Pedro, dia 29. A simbologia dessas três datas está presente nas crenças, quermesses, novenas, jogos, brincadeiras, simpatias, rezas, comidas típicas, vestimentas, fogueiras, balões, músicas, hinos, toadas e cânticos fervorosos, em ritmo de forró-pé-de-serra, xote e baião, que animam e caracterizam as festas de quadrilha junina em diversas regiões do país, em especial, no Nordeste, onde, tem-se o famoso ‘Maior São João do Mundo’, na cidade de Campina Grande, no estado da Paraíba, que acontece desde 1983. Frazer (1978, p. 15) destaca que:

As festas de Santos que há mais de quarenta anos colaboram no sentido de manter vivo na memória nacional esse verdadeiro patrimônio cultural. Proporcionando um campo muito fértil de análise do significado importante desse período tão cultural. Como todos realmente festejam e retomam muito o tempo antigo.

Enxerga-se assim, nas festas juninas realizadas nas escolas, um mecanismo para manter acesa a chama de aspectos históricos, culturais, religiosos, ideológicos e sociais. Em virtude desse importante papel que exercem na manutenção dessa tradição regional, é que considera-se que tais festividades precisam ser melhor cuidadas por todos os entes envolvidos, desde as esferas governamentais, como o investimento em ações e políticas de auxílio financeiro, bem como, das esferas escolares, que diz respeito aos sujeitos da educação, principalmente, gestão pedagógica e professores, na inserção mais efetiva dessas atividades no calendário escolar, integrando a proposta curricular pedagógica ao fortalecimento da cultura. Cherubini (2008, p. 05), concordando com essa visão e alertando para a problemática que isso envolve no atual cenário social e educativo do país, alerta:

O fato é que as festas juninas são comemoradas em todo o país e representam uma das mais ricas manifestações culturais brasileiras. No entanto, na mesma medida em que essas tradições culturais permanecem, apesar das profundas mudanças estruturais do Brasil – que em pouco mais de meio século passou de eminentemente rural à condição de urbano –, começam a se esgarçar na memória das novas gerações de brasileiros as origens desses festejos. As crianças continuam dançando a quadrilha no mês

de junho, porém não conhecem mais a história da festa e de seus santos, o significado de seus rituais, as letras das músicas mais tradicionais.

Esse fato de, os alunos até continuarem “dançando a quadrilha no mês de junho”, mas não conhecerem “mais a história da festa e de seus santos, o significado de seus rituais, as letras das músicas mais tradicionais”, trazido pelo autor é realmente, o que presencia-se hoje nas escolas. Vem ocorrendo uma ‘desvirtuação’ do caráter primário que identifica as raízes das festas juninas, uma deturpação de seu sentido original, quando surgiram na tradição pagã, ainda na Idade Média, mas que logo foram aderidas pela Igreja Católica, assumindo um caráter cristão. No Brasil, são uma herança trazida pelos portugueses no Período Colonial e com absolutamente desprezíveis de construir alegorias, caracterizadas pelo pé da cultura nordestina, do sertanejo, do caipira, com traços de espontaneidade rústicos. No entanto, o que se percebe hoje, é uma carnavalização<sup>2</sup> desse tipo de manifestação cultural.

Circulam na mídia, verdadeiros espetáculos teatrais, com grandes alegorias, pompas, vestimentas, decorações e coreografias, movidos pela dinâmica do capitalismo da sociedade pós-moderna atual, que interfere diretamente no modo de organização cultural e nas tradições de um povo. Diante desse cenário, reflexões como estas, apresentadas neste estudo, tornam-se cada vez mais necessárias. Nas palavras de Bo Bardi (1976, p. 07):

O reexame da história recente do país se impõe. O balanço da civilização brasileira “popular” é necessário, mesmo se pobre à luz da alta cultura. Este balanço não é o balanço do folclore, sempre paternalisticamente amparado pela cultura elevada, é o balanço “visto do outro lado”, o balanço participante. É o Aleijadinho e a cultura brasileira antes da Missão Francesa. É o nordestino do couro e das latas vazias, é o habitante das “vilas”, é o negro e o índio, é uma massa que inventa, que traz uma contribuição indigesta, seca, dura de digerir.

No entanto, é válido ressaltar que, esse fenômeno ocorre não apenas da cultura brasileira – como muito pensam e criticam o país, sem uma base teórico-epistemológica que sustente suas opiniões –, mas ele tem um alcance mundial, ao longo da história de desenvolvimento da sociedade (CAMPOS, 2007). De tal modo, que Bourdieu (1999, p. 116) expõe como isso interferiu na cultura europeia, em especial, nas festas e nos bailes populares, realizados no país Basco, no norte da Espanha:

A respeito da transformação da função e da significação da festa e da dança pode-se citar: Em Guipuzcoa, até o século XVIII, a dança, nos dias de festa, não era apenas um simples divertimento, mas uma função social de mais peso. O papel dos espectadores era quase tão importante como o dos atores.

As ideias cidadinas sobre a moda fizeram com que as pessoas das famílias importantes, os velhos, as pessoas casadas e os padres não assistissem mais aos bailes das praças, deixando de neles participar como antes; o baile, perdendo sua estatura coletiva, tornou-se o que é hoje: um divertimento para os jovens, onde o espectador não tem mais importância.

E, nesse processo abrupto de alterações/modificações/transformações, que interferem diretamente na cultura, corre-se o perigo de perda cultural e de identidade; e, a escola, se não tem colaborado para diminuí-lo, mas, pelo menos, pode-se dizer que, de certo modo, tem silenciado e, muitas vezes, até colaborado para essa ‘transformação’, quando também promove verdadeiros festivais cênicos de quadrilha junina. Agindo assim, sem o resgate das marcas tradicionais da festa, a instituição está sendo, no mínimo, omissa, no papel de instruir e manter viva, a representação simbólica e originária das festas juninas caipiras.

E por ter tamanha responsabilidade, é preciso, segundo análise de Cortella (1998, p. 149-150), atentar para o fato de que:

Muitas escolas degradam a cultura popular brasileira ao fazerem simulacros de “festas juninas”. Mesmo tendo em conta o imenso esforço feito pelas professoras (semanas de ensaios!), as crianças são fantasiadas de caipiras (roupas remendadas, dentes falhados, bigodes e costeletas horrorosas, chapéus esgarçados, andar trôpego e espalhafatoso e um falar incorreto), como se os trabalhadores rurais assim o fossem por gosto, ingênuos e palermas. Poucas escolas explicam a origem das festas e a importância do cidadão campesino e resguardam sua dignidade; poucas, ainda, destacam que a falha no dente não é algo que aquele brasileiro ou aquela brasileira tem para ficar “engraçados” (são desdentados por sofrimento), ou informam que eles produzem comida e passam fome, como se fossem subumanos, não têm acesso à escola etc. É, em grande parte, a ridicularização da miséria, cujo ápice é uma festa na escola, com uma concorrida profusão de máquinas fotográficas e filmadoras que se atropelam em busca de imagens caricatas.

A questão sendo conduzida do modo distorcido do aspecto cultural que a originou, acarreta em problemas de construção de uma identidade. Vale ressaltar que, a mídia, principalmente a televisão, também possui relevante poder de persuasão e de influência, contribuindo muito com isso, através da propagação equivocada e estereotipada de personagens relacionadas a certas regiões do Brasil, como o Nordeste, por exemplo<sup>8</sup>. Numa análise sociológica desse fenômeno cultural, traz-se a cena, Pierre Bourdieu (1999, p. 142), quando destaca que, em situações como essas, de fato,

O sistema de ensino contribui amplamente para a unificação do mercado de bens simbólicos e para a imposição generalizada da legitimidade da cultura dominante, não somente legitimando os bens que a classe dominante

consome, mas também desvalorizando os bens que as classes dominadas transmitem (para não falar das tradições regionais) e tendendo, por esta via, a impedir a constituição de contralegitimidades culturais.

Em revelia a esse modo de proceder a questão, acredita-se que, as escolas poderiam (e deveriam) investir em projetos pedagógicos que legitimem e mantenham lúcida a memória e cultura regional. A previsão de realização dessas atividades deveria fazer parte do currículo da escola, considerado desde a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) e vivenciado cotidianamente, nas diferentes etapas de planejamento de ações de ensino e aprendizagem e no cumprimento dessas ações previstas pelo trabalho colaborativo entre as diversas disciplinas, principalmente das áreas de ciências humanas e sociais, como Artes, Ensino Religioso, Literatura, Educação Física, entre outras, que colaborem para a construção de um trabalho multidisciplinar, e que, por fim, culminasse na avaliação do ensino e aprendizagem, envolvendo todos os sujeitos do processo educativo, construindo assim, uma organização didático-pedagógica, com objetivos claros e bem definidos, que promovam interação social e uma aprendizagem dinâmica, lúdica e significativa.

Em sua dinâmica, muitas vezes influenciada pelo calendário, **a festa inclui atividades como planejamento, programação, organização e estruturação, que proporcionam divertimento, prazer, trabalho, protesto, comemoração, devoção, euforia, transgressão, reinvenção, excesso, criatividade e alegria: elementos que não se apresentam isolados ou em oposição, mas em tensão permanente, por ser a festa um tempo/espço de ambiguidades. A diversidade pronuncia-se nos diversos tipos festivos, bem como nas manifestações e experiências que abarca, na coexistência e conflito de culturas que se confrontam.** (ROSA, 2007, p. 197) (Grifos meus)

Sobreleve-se, portanto, a forma sobre a função, na realização dessas festividades na escola, cientes de sua função educativa e cultural, reconhecendo-se que “a rede de relações entre participantes da Festa transporta para um campo de atuações simbólicas uma estrutura de modos de participação igual à da sociedade, aquela que ela organiza para produzir os seus bens e reproduzir as relações entre seus produtores sociais” (BRANDÃO, 1978, p. 60).

Nessa correlação entre educação e cultura, os limites para a construção de pontes que aproximem os sujeitos de suas atuações simbólicas no mundo, devem ser cada vez mais estreitos, com uma perspectiva de fomentar a historicidade e a valorização da cultura, como se percebeu no trajeto teórico até aqui percorrido. De agora em diante, no próximo tópico, a fim de ilustrar a discussão desenvolvida, entra-se no relato de experiência que desencadeou a realização deste estudo, de natureza experiencial e qualitativa, e porque não, afetiva, uma vez

que, seu autor, atuou como participante, e, portanto, sente-se motivado a discuti-la, pelo valor e representação que ela ocupa em sua trajetória de formação docente inicial.

### **DA EXPERIÊNCIA EM SI: ACHADOS, VIVIDOS E APREENDIDOS**

#### **São João Antigo**

Era festa de alegria  
São João!  
Tinha tanta poesia  
São João!  
Tinha mais animação  
Mais amor mais emoção  
Eu não sei se eu mudei  
Ou mudou o São João (Bis)

Vou passar o mês de Junho  
Nas ribeiras do sertão  
Onde dizem que a fogueira  
Inda aquece o coração  
P'ra dizer com alegria  
Mas chorando de saudade  
Não mudei nem São João  
Quem mudou foi a cidade.

(Luiz Gonzaga)

#### **São João na Roca**

A fogueira tá queimando  
Em homenagem a São João  
O forró já começou  
Vamos gente, rapa-pé neste salão (Bis)

Dança Joaquim com Isabé  
Luiz com Iaiá  
Dança Janjão com Raqué  
E eu com Sinhá  
Traz a cachaça, Mané  
Eu quero vê, quero vê páia voar (Bis)

(Luiz Gonzaga)

De modo ilustrativo, os versos das duas cantigas juninas acima<sup>2</sup> celebram e representam a experiência vivenciada. Quem não conhece, dançou ou cantou o refrão dessas músicas tão características das festas juninas? É com essa convocação, que busca-se descrever de forma sucinta, as atividades desenvolvidas, as atribuições individuais e coletivas do grupo, as vivências e interferências na Escola Estadual Teresinha Nunes.

Como destacado antes, a quadrilha junina caracteriza-se como uma das manifestações culturais mais tradicionais e divertidas do país, com vestuários, danças, folguedos, músicas e comidas típicas variadas. Nesse clima, a atividade foi planejada e executada por todos. Primeiro, em sala de aula, no início do segundo semestre letivo de 2011, a equipe (docente e discentes) da disciplina: “Estudos Teórico-metodológicos da Educação Física e Ludicidade”, se reuniu, com o propósito de definir quais seriam as possíveis atividades a serem

desenvolvidas e as atribuições de cada grupo de aluno, para assim, garantir o sucesso das ações e as responsabilidades compartilhadas por todos.

Semanalmente, aconteciam ensaios das danças e atividades teatrais, como os passos clássicos de uma quadrilha e casamento caipira; e ainda, a produção de figurino, que seriam vestidos na apresentação escolar. Bem próximo do dia da culminância do projeto, a turma foi dividida em grupos. O objetivo era que cada grupo organizasse apresentações relacionadas às manifestações culturais do período junino - por exemplo, as músicas e as danças, comidas típicas, entre outras. A divisão das responsabilidades ficou assim disposta entre os componentes da turma, conforme o Quadro 01:

**Quadro 01:** Atividades e grupos responsáveis diretamente pela organização e execução

<b>Atividade</b>	<b>Grupo / Equipe responsável</b>
Correio do Amor	Marilene, Layane, Luan e Lourdes
Pescaria	Lucinete, Aline, Ana Cláudia e Diana
Simpatias/ Estandartes dos Santos	Antônia, Andréia, Cyd Jardel e Deusa
Boliche e Corrida do Saco	Evanildes, Rita e Jéssica Borges
Dança da Cadeira e Carrinho de Mão	Eveline, Elâynne, Márcia e Stefânia
Quebra Pote e Corrida do Milho	Andressa, Rayane e Marta
Corrida do Ovo e Dança da Laranja	Railza e Flávia
Casamento Caipira	Luan (noivo), Kátia (noiva), Renato ( <i>padre</i> ), Francinalva (mãe da noiva) e Cyd Jardel (pai da noiva)

**Fonte:** Organizado pelo autor, na ocasião da atividade, em junho de 2011.

Essa fase de planejamento é fundamental para que qualquer atividade se realize de forma organizada e consiga alcançar os objetivos propostos, seja na área da educação, ou em qualquer outra área de atuação social. Sobre isso, Libâneo (1994, p. 26), ensina que “o trabalho docente é uma atividade coordenada, planejada visando atingir objetivos de aprendizagem, por isso precisa ser estruturado e ordenado”, especialmente, na realização de uma atividade de caráter festivo, simbólico e cultural, como a quadrilha junina.

A realização de uma atividade dessas, torna-se envolvente, pois mexe com a criatividade, as emoções e cria uma expectativa positiva entre os envolvidos, uma vez “também nos seus preparativos se aprende muito, pois são experiências ricas onde partilhar e dividir são aprendidos na prática, em que se aprende a convivência em grupo e a respeitar o direito do outro, o espaço do outro, onde se evidenciam as sociabilidades” (MELO, 2010, p. 238) e as trocas de experiências acadêmicas necessárias à formação do professor.



Considerando as citações desses dois autores e, sobretudo, partindo das sensações vivenciadas na escola, pode-se destacar que, trabalhar conteúdos relacionados à vivência dos alunos proporciona uma aprendizagem coerente com o que eles vivenciam e, portanto, acarreta uma facilidade para assimilar o conhecimento necessário a formação. Isso tanto na escola básica, quanto no Ensino Superior, como neste caso, em que alguns acadêmicos do curso de Pedagogia, por meio da experiência, puderam voltar no tempo – um tempo próximo – e resgataram lembranças de quando eram alunos do Ensino Médio e participaram de muitas festividades juninas em suas escolas.

A culminância da atividade aconteceu na manhã do dia 02 de junho de 2011, uma quinta-feira. Vale ressaltar que, a atividade contou como nota da disciplina, então, os acadêmicos não mediram esforços para mostrar um bom desempenho. Durante a estadia na escola (de 06h30min as 08h30min), a equipe apresentou as atividades propostas, de acordo com o combinado com a gestão da instituição, de que as apresentações demorariam apenas uma hora: das sete as oito, para que a escola pudesse seguir com a rotina prevista.

Uma das intenções muito claras para o grupo envolvido na realização da atividade, era de que aquela apresentação de quadrilha junina, promovida no chão da escola, tendo como público-alvo expressivo, os alunos, promoveria um espaço de alegria e ludicidade para eles, além de mostrar a diversidade de manifestações folclóricas, os hábitos e costumes, bem como as crenças, os valores e, de forma mais ampla, o modo de viver do povo nordestino.

Os acadêmicos de Pedagogia responsabilizaram-se pela decoração do espaço, apresentaram coreografias, interpretaram um casamento caipira na quadrilha de roda, entre tantas outras atividades desenvolvidas. As barraquinhas, os estandes, os cenários foram montadas no pátio da escola, com a ajuda de professores e funcionários da mesma, no horário anterior à entrada dos alunos, que neste dia, realizariam as avaliações mensais.

A imagem gerada por esse empenho coletivo, pode ser ilustrada pela visualização de belíssimos quadros da pintora brasileira, Aracy de Andrade, na exposição: “*De arte em arte: pinturas de festas juninas e a pintura naif brasileira*”<sup>10</sup>, as quais simbolizam o coletivismo, o sentido de dar as mãos, a beleza da infância e do brincar, a livre imaginação do criar, com sujeitos de diferentes e culturas (assim como deve ser uma sala de aula) na apresentação da quadrilha junina de roda.



Fonte: < <http://www.escolauniepre.com.br/curso-de-ferias-julho-2018.php> >. Acesso em: 12 ago. 2018.



Fonte: < <https://www.pinterest.pt/pin/559572322433077574/?lp=true> >. Acesso em: 12 ago. 2018.

Tocados pela simbologia do evento, ao final da festa, todos os participantes – gestão e alunos da Escola Terezinha Nunes e acadêmicos da FSA – socializaram opiniões sobre a experiência. Essa atitude representa, conforme o amparo da leitura dos autores abaixo, uma forma de potencializar a voz crítica, reflexiva e criativa de todos os sujeitos envolvidos, considerados como partes indispensáveis para o sucesso do todo.

Confrontada com a crise das relações sociais, a educação deve, pois, assumir a difícil tarefa que consiste em fazer da diversidade um fator positivo de compreensão mútua entre indivíduos e grupos humanos. A sua maior ambição passa a ser dar a todos os meios necessários a uma cidadania consciente e ativa, que só pode realizar-se, plenamente, num contexto de sociedades democráticas. (DELORS, 1998, p. 52)

O estabelecimento de uma relação consciente entre o aprendiz e o mundo depende, em grande parte, do tipo de pensamento que a educação formal, através dos conteúdos veiculados, ajuda a desenvolver. A reelaboração, a compreensão (ou não) desses conteúdos, estão diretamente relacionadas ao ensino proporcionado. [...] A escola é uma instituição que não pode estar fora do mundo, mas se não for diferente dele, se não se distanciar para proceder à crítica, será mera reprodução; estará conformando os indivíduos, adaptando-os à uma realidade que os impedirá de ser livres e autônomos. (GALUCH; PALANGANA, 2002, p. 168)

A escola deve, portanto, ter compromisso com a constituição das estruturas mentais, com a formação de sujeitos capazes de operar formalmente para que se criem as condições necessárias à tomada de consciência e, de forma articulada com a prática, se dê a ruptura com o caráter ideológico, mistificador de uma racionalidade que desumaniza. (PRESTES, 1995, p. 98)

A situação foi muito oportuna à aprendizagem e à interação entre acadêmicos em formação, os professores no exercício da docência e os principais sujeitos da ação educativa – os alunos da escola básica. Para os estudantes do curso de Pedagogia foi um momento de reconstrução simbólica da memória, mediado pelo repensar a maneira como cada um foi educado e de que maneira poderia promover a educação, quando estivesse em sala de aula.

Por causa disso, pode-se dizer, que a proposta foi válida ainda, por funcionar como uma forma de manter viva essa tradição escolar, uma vez que a cultura atual, considerada pós-moderna, enfatiza a tecnologia, a informatização e a sofisticação da vida em sociedade e, muitas vezes, esquece de dar o valor esperado e necessário às tradições que constituem a história e cultura do homem, em seu modo de ser e comportar-se socialmente.

É salutar ressaltar esse aspecto, porque, embora o ser humano, na condição de ser histórico-cultural carregue nas mãos a missão de criar, reinventar, dar novas formas ao antigo, através de um fabuloso poder de fantasiar, de imaginar a natureza das coisas, hoje, em contextos tecnológicos e midiáticos, ele não pode esquecer da sublime força que o tempo vivido possui na indispensável tessitura entre o passado, o presente e o futuro, construindo uma rede de experiências que devem ser intercambiadas, de forma sensível e dinâmica, evitando assim, o embrutecimento da alma e a imbecilidade da raça humana.

E, nesse processo, de construção simbólica de pontes, a escola tem papel fundamental, sendo responsável pela socialização do saber historicamente construído e que serve como fio condutor essencial para a construção da cidadania e democracia necessárias a uma sociedade livre de preconceitos e enraizada no pensar crítico e desejoso de mudança e libertação.

Assim, foi desenvolvida a festa junina na escola, engajados no resgate da história da cultura, cumprindo dessa forma, o que era proposto no projeto de desenvolvimento de ensino da disciplina, o qual aponta para um ensino contextualizado, interativo e aprendizagem significativa, bem como, cumprindo com os preceitos educacionais, que enfatizam o saber fazer e o saber conviver – a aliança entre os eixos teoria e prática, como enfatizam Ramalho; Nuñez; Gauthier (2004), ao referir-se a indelével missão de formar professores. É preciso que ela seja construída pela articulação entre teoria e prática, “duas faces de uma mesma moeda”,

duas categorias dialéticas, que combinam-se mutuamente, uma prescindindo a outra, numa constante relação de proximidade e interdependência.

Por meio da realização das atividades, os acadêmicos de Pedagogia se apropriaram de saberes e experiência ricas em cultura. E esse é o grande desafio para o professor em formação, no contexto do século XXI, em relação ao processo de reconhecimento e valorização das raízes culturais de seus futuros educandos: o de incentivá-los a valorização, o respeito as suas origens e aos processos históricos de formação cultural, como expressa filosoficamente Rubem Alves (2012, p. 36): “um educador [...] é um fundador de mundos, mediador de esperanças, pastor de projetos”.

Assim, todos se tornam, mediadores e construtores do saber, através de histórias lidas, ouvidas e vividas - maneiras gostosas, dinâmicas, lúdicas, interativas, ricas em símbolos e representações, que façam com que os alunos se tornem cada vez mais sujeitos e protagonistas de sua própria história cultural, como se percebe muito bem, no poema de Maria Dinorah (1986, p. 73-74), intitulado “Quando eles souberem”, interessante de ser trazido à baila dessa reflexão final sobre a experiência vivenciada e os sujeitos nela envolvidos:

Os meninos que brincam,  
Talvez não saibam não  
Que há meninos na luta  
Por um pouco de pão.

Os meninos que estudam,  
O fazem sem notar  
Que há meninos  
Com o poder de estudar.

Há meninos, com tudo,  
A viver muito bem,  
Que talvez não entendam  
Por que tantos não têm.

E há meninos vivendo  
O momento de paz  
Sem querer perceberem  
Do que a guerra é capaz.

Mas quando eles souberem,  
Tudo isso vai passar  
Pois está nas crianças  
O poder de mudar.

Como mediador do saber, o professor tem a responsabilidade de levar o aluno a conhecer suas origens e sua identidade. Esse processo envolve a mediação do saber, e exige,

portanto, a responsabilidade de aproximar-se da realidade de seu aluno, levando, em seguida, a ‘conhecer a si mesmo’, numa acepção Socrateana, tornando-o, protagonista de sua história de vida.

E, para finalizar, a letra de uma música, *Redescobrir*, composta por Luiz Gonzaga Jr, um dos grandes nomes da riquíssima cultura musical, em 1980 e gravada por Elis Regina, no mesmo ano, no auge da Ditadura Militar (período político em que os militares governaram o Brasil. Essa época vai de 1964 a 1985. Caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar). Uma melodia, cuja letra é de um otimismo sem tamanho, e que fala da grande maravilha que é viver, da interação e do dinamismo das relações:

Como se fora a brincadeira de roda  
Memória!  
Jogo do trabalho na dança das mãos  
Macias!  
O suor dos corpos, na canção da vida  
Histórias!  
O suor da vida no calor de irmãos  
Magia!

Como um animal que sabe da floresta  
Memória!  
Redescobrir o sal que está na própria pele  
Macia!  
Redescobrir o doce no lamber das línguas  
Macias!  
Redescobrir o gosto e o sabor da festa  
Magia!

Vai o bicho homem fruto da semente  
Memória!  
Renascer da própria força, própria luz e fé  
Memórias!  
Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós  
História!  
Somos a semente, ato, mente e voz  
Magia!

Não tenha medo meu menino povo  
Memória!  
Tudo principia na própria pessoa  
Beleza!  
Vai como a criança que não teme o tempo  
Mistério!  
Amor se fazer é tão prazer que é como fosse dor

Magia! (Bis)

Como se fora brincadeira de roda  
Jogo do trabalho na dança das mãos  
O suor dos corpos na canção da vida  
O suor da vida no calor de irmãos.

Como se fora brincadeira de roda  
Jogo do trabalho na dança das mãos  
O suor dos corpos na canção da vida  
O suor da vida no calor de irmãos.

Semelhante a mensagem que as pinturas de Aracy de Andrade trouxeram anteriormente, também, esses versos, repletos de simbologias e representações da realidade, do universo do brincar, do “*dar às mãos*” – (coisa tão difícil nos dias de hoje, onde o “*eu*”, o individual, substitui o “*nós*”, o coletivo) representam bem, toda a atividade aqui relatada, de forma prazerosa e rica em aprendizagem.

### CONSIDERAÇÕES (IN) CONCLUSIVAS

Os dados contidos neste relato de experiência são resultantes de uma visita coletiva, permeada por observações empíricas, apresentações culturais e interventivas na realidade da Escola Estadual Teresinha Nunes e mostram que a mesma possui uma estrutura, tanto física quanto pedagógica, adequada para atender o seu público. A escola mostra-se aberta a comunidade, como é perceptível no depoimento da gestora: “A escola sempre recebe às instituições de ensino superior, com suas turmas de alunos, para apresentarem seus trabalhos”.

Vale ressaltar que, durante o tempo em que a equipe esteve na escola, percebeu alguns conflitos e disputas entre as crianças, comuns na faixa etária, mas, sabe-se que a educação acontece também nesses momentos; do mesmo modo, sentiu-se o carinho, o envolvimento e muita agitação pelas apresentações trazidas pelo alunos do curso de Pedagogia.

A atividade recreativa promove o crescimento afetivo e psicomotor, constitui-se em um fator de equilíbrio na vida das pessoas, expresso na interação entre o espírito e o corpo, a afetividade e a energia, o individual e o coletivo, promovendo a totalidade do ser humano. E sobretudo, de descontração, entusiasmo e construção de vínculos de afeto entre os participantes da atividade. DaMatta (1990, p. 15-16) ressalta que a carnavalização<sup>u</sup> desses momentos assume fundamental importância para a conquista da liberdade de expressão e produção criativa do conhecimento:

Essas praças e adros, dados pelos Carnavais, pelas procissões e pelas malandragens, zonas onde o tempo fica suspenso e uma nova rotina deve ser repetida ou inovada, onde os problemas são esquecidos ou enfrentados; pois aqui – suspenso entre a rotina automática e a festa que reconstrói o mundo.

A atividade de campo trouxe assim, para os professores em formação, uma grande contribuição para que eles pudessem intervir na prática educativa, através da observação das ações desenvolvidas na escola, confrontadas com os saberes adquiridos no decorrer das disciplinas do curso, criando situações para que se analise a ação docente para transformar a escola e repensar seu papel na relação com a sociedade.

A experiência foi, portanto, muito gratificante, pois a equipe acredita ter conseguido deixar uma lembrança, uma marca positiva em cada criança daquelas. E certamente, essa imagem positiva acompanhou os acadêmicos de Pedagogia. Como toda ação educativa, houve um processo de troca de saberes e experiências: ensina-se algumas coisas e aprende-se muito mais, tal como expressa o poeta escritor Guimarães Rosa (2001, p, 361), “mestre não é quem sempre ensina, mas quem, de repente, aprende”. Pensa-se, por fim, que no pouco tempo de interação com o corpo docente e discente da escola não foi o bastante, mas bastante significativo para todos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ruben. **Conversas com quem gosta de ensinar** (+ qualidade total na educação). 14. ed. Campinas: Papirus, 2012.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 55. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009. [1929].

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. [1979].

\_\_\_\_\_. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2013.

BETHÂNIA, Maria. **Caderno de poesias**: Maria Bethânia. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Ensino de quinta a oitava séries. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Judas Tadeu de. Festas juninas nas escolas: lições de preconceitos. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da escola**: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930). 2007. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, São Paulo, 2007.

CHERUBINI, Gabriel João. Apresentação. In: RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas juninas, festas de São João**: origens, tradições e história. São Paulo: Publishing Solutions, 2008. p. 5-6.

CORTELLA, M.S. **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos. São Paulo: Instituto Paulo Freire; Cortez, 1998.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1990.

BO BARDI, Lina. Planejamento ambiental: “desenho” no impasse. **Malasartes**, n. 2, Rio de Janeiro, dez.-fev., 1976.

DELORS, J. *et al.* **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

DINORAH, Maria. Quando eles souberem. In: DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 73-74.

FERNANDES, F. **O folclore em questão**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1989.

FRAZER, James George. **Tempo antigo**: o ramo de ouro. São Paulo: Círculo do Livro, 1978.

GALUCH, Maria Terezinha Bellanda; PALANGANA, Isilda Campaner. Educação escolar e formação do pensamento crítico: reflexões. **Pro-Posições**, vol. 13. N. 2 (38) - maio/ago. pp. 159-169, 2002. Disponível em: <

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643960/11416> >.

Acesso em: 12. Ago. 2018

GONZAGA JÚNIOR, Luiz. **Redescobrir**. 1980. Interpretação Elis Regina, em 1980. In: Cd “Música: O melhor de Elis Regina” WEA, 2000.

LIBÃNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, Francisco Renato. **Tópicos em Educação a Distância**: a história de um curso de formação de professores pelo espelho de interações em fóruns virtuais, 2018, pp. 01-40. (Texto ainda não publicado).



LIMA, Francisco Renato; SILVA, Jovina da. Do saber comum a epistemologia, dos significados constitutivos da docência e das marcas da professoralidade: espelho de si mesmo. **Revista Brasileira de Educação, Tecnologia e Sociedade**, v. 11, nº 2, p. 346-359, 2018.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. A escola em festa: as festividades escolares na Primeira República no Piauí. In: **Anais do VI Congresso Luso- Brasileiro de História da Educação: Percursos e desafios da pesquisa e do ensino de História da Educação**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 4365-4373.

MELO, Salânia Maria Barbosa. **A construção da memória cívica: espetáculos de civilidade no Piauí (1930-1945)**. Teresina: EDUFPI, 2010.

MIRANDA, Antonio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 78-88, maio/ago. 2000. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a10v29n2.pdf> >. Acesso em: 13 mai. 2018.

NUNES, Ana Lucia Siqueira de Oliveira. **Festas e celebrações: um estudo sobre visualidades da escola**. 2005. 96 f. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) – Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Artes Visuais, Goiás, 2005.

OZOUF, Mona. A festa sob a Revolução Francesa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PRESTES, N. H. A razão, a Teoria Crítica e a Educação. In: PUCCI, B. (Org.). **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt**. Petrópolis: Vozes; São Carlos: EDUFSCar, 1995.

RAMALHO, Betânia Leite; NUÑEZ, Isauro Beltrán; GAUTHIER, Clemort. **Formar o professor, profissionalizar o ensino: perspectivas e desafios**. Porto Alegre: 2. ed. Sulina, 2004.

RANGEL, Lúcia Helena Vitalli. **Festas juninas, festas de São João: origens, tradições e história**. São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

RIBEIRO JUNIOR, Jorge Cláudio Noel. **A festa do povo: pedagogia de resistência**. Petrópolis: Vozes, 1982.

ROSA, Maria Cristina. As festas e o lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e cultura**. Alínea: Campinas, 2007, p. 195-218.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

<sup>1</sup> Atualmente, Centro Universitário Santo Agostinho (UNIFSA), conforme determinação do Ministério da Educação (MEC) do final de 2017, mas, na redação deste texto, mantém-se a nomenclatura antiga, em respeito ao período em que a atividade foi realizada.

**2** A disciplina foi ministrada pela professora Me. Débora Cristina Couto Oliveira Costa, a quem dispenso agradecimentos pela condução da atividade, proporcionando uma rica experiência de aprendizagem aos alunos.

**3** A crítica feita no desenvolvimento do texto enfatiza esse aspecto e valida a proposta.

**4** A utilização desse termo, para referir-se a escola é uma referência a poetisa das palavras musicadas, Maria Bethânia, que partindo de suas memórias como aluna de “casas de ensino”, ou seja, escolas públicas, usa essa expressão na abertura de um Caderno de Poesias, onde reúne poemas apresentados pela cantora no ‘Projeto Sentimentos do Mundo’, criado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2007, no espetáculo *Leituras de textos e poemas reunidos*, parte de uma série de projetos de leitura realizados em escolas públicas.

**5** O autor tem conhecimento dessa metodologia de pesquisa, quando, por exemplo, publicou o trabalho: “*Do saber comum a epistemologia, dos significados constitutivos da docência e das marcas da professoralidade: espelho de si mesmo*” na **Revista Brasileira de Educação, Tecnologia e Sociedade**, no qual destaca que “o sujeito ao narrar suas próprias experiências de vida no campo da docência, constrói também, de modo colaborativo, uma compreensão crítica sobre o que é ser professor, em sua dimensão coletiva e no circuito das práticas sociais, que inclui a formação e autoformação do professor, em seus processos de profissionalização e professoralidade, visto que esses eixos se articulam e se complementam na construção da carreira docente” (LIMA; SILVA, 2018, p. 349) e ainda, no texto, “*Tópicos em Educação a Distância: a história de um curso de formação de professores pelo espelho de interações em fóruns virtuais*” (no prelo, 2018, p. 38), no qual, por meio de nota de rodapé, reconhece que: “Propositamente [...] [embora] não assumo que metodologicamente, esta se constitua de uma pesquisa autobiográfica, de abordagem histórico-cultural, sócio-histórica e dialógica, apoiada nos princípios epistemológicos de Vygotsky e Bakhtin [fazendo referência e citando inclusive, Lima; Silva (2018)], respectivamente; é possível identificar a similaridade com os procedimentos de tal método de estudo, uma vez que, o texto retrata uma experiência particular de sua formação, aspectos de sua trajetória de vida acadêmica, embora o ‘eu’ enunciador da narrativa não assumo a primeira pessoa do discurso”.

**6** Um adendo importante há de se fazer sobre o sentido prático que o termo “coletivamente”, assume na escrita deste trabalho, visto que a experiência que o originou, foi vivenciada por um turma de 27 alunos (incluindo eu) do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, da Faculdade Santo Agostinho (FSA), os quais, na época, divididos em equipes, registraram a experiência, por meio do gênero acadêmico, relatório de atividade de campo, apresentado como pré-requisito para a aprovação na disciplina. Em reconhecimento ao papel de cada um deles, na idealização e execução da atividades, listo seus nomes: Aline Pereira França | Ana Cláudia da Conceição | Ana Stefânia da Costa Cordeiro | Andréia Costa e Silva Oliveira Fabiano | Antonia do Socorro Cunha Furtado | Andressa Ferreira de Araujo | Cyd Jardell de Sousa Carvalho | Diana de Sousa Carvalho | Elâinny Regina Ferreira de Moraes | Evanildes Barros de Abreu | Eveline Pachêco Moraes Sousa | Flávia Pereira da Silva | Francinalva Pereira da Silva | Jéssica Borges de Castro | Kátia Cilene Santos de Moraes | Layane de Oliveira Viana da Silva | Luan Evangelista de Sousa | Márcia Cristina Passos Batista | Maria de Deus Moura | Maria de Lourdes Marques da Cunha | Maria Lucinete de Jesus Cantuário | Marilene Divaldina Vieira | Marta de Jesus Freitas | Railza Maria Soares Viana | Rayany Feitosa de Menezes | Rita de Cássia Menezes Sobreira.

A todos eles, dispenso meus agradecimentos e demonstro gratidão por terem compartilhado comigo, de modo tão ‘dialógico e responsivo’, nos termos bakhtinianos (BAKHTIN, 2009; 2011), a experiência formativa que deu base para a construção deste estudo, que individualmente organizei e assumo a responsabilidade e autoria do que está aqui expresso.

**7** Que fique claro aqui, que não é uma alusão a acepção bakhtiniana (BAKHTIN, 2013), citada mais adiante, neste trabalho.

**8** Ver, sobre isso, sob uma perspectiva da linguagem e do preconceito linguístico, Bagno (2013).

**9** Referências das músicas: GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. **São João Antigo**, 1957. Site oficial do artista “Luiz Lua Gonzaga”. Disponível em: < <http://www.luizluagonzaga.mus.br/> >. Acesso em: 12 ago. 2018.

GONZAGA, Luiz; DANTAS, Zé. **São João na Roça**, 1952. Site oficial do artista “Luiz Lua Gonzaga”. Disponível em: < <http://www.luizluagonzaga.mus.br/> >. Acesso em: 12 ago. 2018.

**10** Não foi identificado um nome específico para cada obra, por isso aqui, referi-las pelo conjunto, sem nomeá-las, uma vez que o objetivo é apenas ilustrar a temática, com a simbologia e a beleza que elas representam.

**11** O termo faz referência também a ideia de carnavalização de Bakhtin (2013), para quem essa festa, e outras similares, incluindo-se aqui, as festas juninas, são formas flexíveis de visão artística, onde sobreleva o novo e o inédito, na inversão das lógicas que prioriza o erudito, produzido entre as classes altas, consideradas privilegiadas socialmente e dá voz aos marginalizados, pela apropriação do simbólico, que cria relações de alteridade entre os sujeitos da interação verbal e humana, excedendo, portanto, uma visão segregacionista.

**Recebido em: 17/09/2018**

**Aceito em: 22/03/2019**